

## EDITORIAL

O exercício de releitura de Literaturas por diferentes Culturas, seja no âmbito que for, envolve um processo de assimilação capaz de ampliar o olhar para os horizontes interiores, a partir do olhar sobre o outro. Seja sob o ponto de vista da recepção, da crítica, da tradução e outros, a **Revista Criação & Crítica**, neste número, apresenta uma série de artigos voltados ao estudo das **Literaturas Estrangeiras no Brasil**. O tema escolhido vai ao encontro do universo de interesses acadêmicos do LETRA - Letras Estrangeiras e Tradução, novo Programa de Pós-graduação ao qual está associada Criação & Crítica. Recepção, crítica e tradução buscam revelar o olhar do pesquisador à estrangeiridade como uma possibilidade de integração do Brasil a outros circuitos culturais. Ao mesmo tempo, a perspectiva brasileira sobre literaturas estrangeiras insere uma nova luz sobre sua fortuna crítica, numa retroalimentação que se espera constante e profícua.

O artigo de Yun Jung Im sobre a literatura coreana no Brasil foca substancialmente a relação entre gêneros literários, tradução e mercado editorial. A autora discorre sobre a ação do Literature Institute of Korea (LTI Korea) que patrocina praticamente a totalidade das publicações de literatura voltada ao público adulto. No entanto, e apesar desse importante apoio institucional a autora localiza incipiência no acolhimento editorial da produção literária coreana face à dura realidade no Brasil quando o assunto é a existência (neste caso a quase falta) de tradutores com conhecimento da língua coreana. Por outro lado, o artigo aponta um importante nicho ainda negligenciado pelo mencionado instituto: o da literatura infantil e infanto-juvenil que contam atualmente com uma novena de traduções publicadas no Brasil.

O artigo de Jemima de Souza Alves e Safa A.C Jubran traça uma linha de continuidade entre três romances: *O coração das trevas*, do britânico-polonês Joseph Conrad, de 1902, *Tempo de migrar para o norte*, do sudanês Tayeb Salih, de 1966, e *Tempo de migrar para a liberdade*, da libanesa Laura Macdissi, de 2012 – não nessa ordem, necessariamente. As autoras retraçam pontos de resgate entre uma obra e outra, a confrontarem o discurso colonialista europeu e o discurso, justamente, pós-colonial medidos em certos contornos e referências encontradas nas obras expressas. Tal percepção, mediada certamente pela reflexão do palestino Edward Said, as autoras buscam conferir no exame de algumas passagens do romance tunisiano traduzido no Brasil pela mesma Safa Jubran, em cuja tradução, as autoras sublinham, destaca preservada a “pura estranheza” do texto de partida de que fala o teórico da tradução Antoine Berman.

O texto de Saul Kirschbaum e Berta Waldman expõe e problematiza, em primeiro plano do artigo, a denominação “literatura hebraica moderna” e “literatura israelense contemporânea” à luz de seu surgimento diaspórico na Europa Oriental do século XIX e sua culminação no Estado de Israel servida já da língua hebraica revitalizada e tornada língua de expressão vernacular. Em segundo momento, são trazidas para a cena a pesquisa em âmbito universitário e a produção editorial da literatura hebraica traduzida no

Brasil. O artigo localiza a abertura gradual do público leitor, desde o judaico até a recepção mais atual, marcadamente ampla.

Caio Antonio Nóbrega e Genilda Azerêdo engrossam os estudos shakespearianos tomando a última das três publicações da série *Devorando Shakespeare*, da editora Objetiva. *Sonho de uma noite de verão*, de Adriana Falcão, obra de 2007, parodia a peça do bardo inglês nas ruas do Carnaval soteropolitano. Por base os autores leem a obra brasileira como um novo produto da antropofagia modernista de Oswald de Andrade, em procedimento precedido pela retomada das principais releituras das obras shakespearianas desde Gonçalves Dias, passando por Machado de Assis até Augusto Boal.

Ao tratar da encenação da peça *Ricardo III*, de Shakespeare, no Brasil contemporâneo, o artigo **“Um Shakespeare popular no Brasil do século XXI – anotações em torno da apropriação de *Ricardo III* pelo grupo Clowns de Shakespeare”**, de Angélica Tomiello e Alexandre Villibor Flory, além de comentar sobre a recepção e a releitura do texto shakespeariano no Brasil, abre a perspectiva de observar o texto dramático estrangeiro não somente por seu aspecto literário, mas também abordando os elementos intrínsecos à encenação, à representação do viva, no palco. O artigo ganha contornos de estudo cultural, já que propõe analisar a releitura de um texto clássico no Brasil contemporâneo, a partir de uma apropriação intercultural que transcende a fidelidade ao original e estabelece pontes entre uma e outra cultura, um e outro tempo, um e outro espaço e, principalmente, entre o clássico e o popular. Para tanto, torna-se fundamental o papel dos grupos teatrais, do caráter coletivo de seus estudos para a encenação de obras clássicas, numa transposição cultural que faz, no caso da peça analisada, do *Ricardo III* shakespeariano, o brasileiríssimo *Sua Incelença Ricardo III*.

O artigo **“Stefan Zweig no país do futuro: um intelectual sem pátria no olhar da imprensa brasileira, 1936-1942”**, de Carol Coffield, busca mapear a recepção sobre a vida e a presença do escritor judeu de língua alemã no Brasil, em suas idas e vindas ao país até seu suicídio, em 1942, a partir da observação de artigos publicados na imprensa brasileira da época. Stefan Zweig tornou-se figura recorrente em artigos jornalísticos do período, seja pelas críticas ou reverências que recebia, mas quase sempre visto como representante e símbolo dos horrores promovidos pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Trata-se da recepção de um drama humano, mais do que de uma obra literária específica, e de um drama que requer abordagem história e política, para sua inserção no contexto brasileiro.

Os últimos três artigos do dossiê se centram em reflexões sobre a tradução. O primeiro deles, **“E quando o subalterno fala? Ideologia, tradução e ética”**, de Pedro Trindade Auad, adota um ponto de vista teórico, a partir da leitura de textos de Gayari Spivak, Judith Butler e Jacques Derrida. Trata-se de uma discussão sobre a tradução como campo de relação entre culturas, ideologias e silêncios, onde o subalterno (aquele que não tem direito à fala) pode ser, em certa medida, escutado. **“O caso Bug-Jargal”**, de Mateus Roman Pamboukian também inicia com uma reflexão teórica, que tem como base a leitura de Haroldo de Campos sobre a tradução como estabelecimento de uma tradição literária. Em

seguida, o artigo analisa duas traduções em verso do romance *Bug-Jargal*, de Victor Hugo, publicadas por Gonçalves Dias e Castro Alves, onde é possível observar vários elementos que se encontrarão nas mais célebres obras desses poetas (como, por exemplo, em “Canção do exílio”). Assim, a tradução se estabelece como uma base para a prática literária brasileira. No nosso último artigo, “**Hart Crane: poesia e tradução**”, de Anderson Mezzarano Lucarezi, reflete sobre os desafios de tradução do poeta modernista norte-americano, que propõe recuperar uma lógica primitiva da língua, organizada, segundo ele, a partir da metáfora. No final do texto, o autor se lança ele mesmo nessa lógica, ao propor a tradução de dois poemas.

Este último artigo funciona como uma ponta para a seção de tradução deste número da Revista Criação & Crítica, onde é apresentado o conto *Inundação* (*Kouzui*), do escritor japonês Kobo Abe, traduzido por Renan Kenji Sales Hayashi. Autor ligado às principais tendências estéticas do século XX (surrealismo, futurismo, pós-modernismo), Kobo Abe tem sua obra aqui representada por um conto que, seguramente, com sua proximidade também à estética do absurdo, mostrou-se um desafio ao seu tradutor para a língua portuguesa.

Claudia Amigo Pino  
Mário Ramos Francisco Júnior  
Michel Sleiman

Outubro de 2019